

FALAR E ESCREVER

Vilém Flusser

Quando falamos, emitimos sons que representam algo. Quando escrevemos, desenhamos traços que representam sons que representam algo. Há exceções para esta regra. Os traços "!" não representam sons, mas modulações de sons, e é difícil dizer-se, prima facie, o que os traços "=" representam. Mas essas exceções não invalidam a regra. Falar é portanto uma atividade ontologicamente e existencialmente diferente do escrever, já que se passa em outro nível da realidade. O propósito do presente artigo é submeter ao leitor algumas considerações que dizem respeito a essa diferença.

A hipótese óbvia para explicar a diferença entre a fala e a escrita ser a seguinte: A articulação "natural" do homem é a fala. A existência de órgãos especializados o prova. Um defeito da língua falada é a sua fugacidade. Para superar este defeito, "inventou" o homem a escrita. Esta não passa de uma fixação da fala. A língua falada é primária, a existência de alfabetos o prova. A diferença entre língua falada e escrita é a diferença entre o "natural" e o "artificial", entre o primário e o secundário, isto explica o problema.

Como geralmente acontece, a hipótese óbvia é insustentável. Hipóteses óbvias são hipóteses do senso comum, e o senso comum se revela, mais cedo ou mais tarde, como preconceito insensato. A nossa hipótese é falsa historicamente, e é falsa epistemologicamente. Os argumentos da história serão os primeiros a serem considerados. Nada poderia ter sido a língua falada anterior à escrita. Os restos deixados pelos nossos antepassados mais afastados incluem desenhos que podem ser interpretados como escritas. A língua falada primitiva não deixou traço, dada a sua "fugacidade". As escritas antigas não representavam sons não eram portanto fixações da língua falada. Os alfabetos são fenômenos recentes, não contam mais que 1000 anos. O Oriente dispõe de uma escrita independente da fala. A nossa hipótese está em desacordo com a evidência histórica e deve ser abandonada. Considerem agora os argumentos da epistemologia. A nossa hipótese diz que o homem é um ser que conhece algo, e articula esse algo "naturalmente" pela língua falada. E que a língua escrita é a fixação "artificial" desse conhecimento. Mas o que significam os termos "natural" e "artificial" no presente contexto? Em outros contextos o termo "natural" significa "não feito pelo homem", e "artificial" significa "feito pelo homem". Mas no presente contexto carecem de significado. O conhecimento não é nem natural, nem artificial, porque é adequação entre homem e natureza. A língua não é nem natural, nem artificial, porque

ro a situação de quem fala e dentro da situação de quem escreve. Ao falar, estou em conversação com outros presentes. Emito sentenças e recebo respostas. Ao escrever, estou em conversação com outros ausentes. Recebi sentenças e emito respostas. Há situações intermediárias, como a de quem profere um discurso, e a de quem troca cartas com outro. Na primeira a língua passa a ser quase escrita, na segunda a língua escrita passa a ser quase falada. Estas situações intermediárias desvendam uma das diferenças entre as duas línguas: A língua falada tende para o diálogo e o seu clima é o do encontro. A língua escrita tende para o monólogo e o seu clima é o do enclausuramento. Ao falar, estou em conversação com a língua externa, ao escrever, estou em conversação com a língua interna. Pensamento é, como diz Platão, conversação interna. Quando falo, a minha conversação interna é constantemente interrompida e precocemente exteriorizada. Por isto penso melhor quando escrevo. Os que pensam melhor quando falam são pobres em conversação interna e necessitam de constante influxo.

Comparem sentenças da língua falada com sentenças da língua escrita. Na língua falada os elementos da sentença tendem a confundir-se. Dada esta tendência, é difícil para os linguistas dar um significado exato ao termo "palavras". Preferem falar em fonemas. Na língua escrita as palavras são separadas por espaços brancos. O silêncio tem portanto na língua escrita uma função diferente daquela que tem na língua falada. Na língua falada o silêncio invade o discurso para silenciá-lo. Na língua escrita o silêncio invade o discurso para estruturá-lo. O silêncio é o fundamento e a meta da língua. A língua falada tem relação diferente para com o silêncio que a língua escrita. Sentenças escritas, quando lidas em voz alta, demonstram essa diferença. É devdo a esta relação diferente para com o silêncio que sabemos imediatamente se uma sentença está sendo falada ou lida em voz alta. A relação entre língua e silêncio é fundamental para a compreensão da língua. A fala se distingue fundamentalmente, neste sentido, da escrita.

Desenvolvamos um pouco o assunto. Quando falo, disponho de uma variedade de entonações, que são, com efeito, variações da relação entre silêncio e língua. Posso elevar ou baixar a voz, e posso modulá-la. Posso assim, recorrendo ao silêncio em grau maior ou menor, modificar o significado das minhas sentenças. Estas modificações terão um apelo concreto e existencial sobre o meu parceiro. Deste ponto de vista e a escrita alfabética em uso no Ocidente infinitamente

dentro da sentença, isto é dentro do espaço da fôlha. O pensamento da língua falada e portanto mais imediato e mais concreto, o pensamento da língua escrita é mais rigoroso e mais sutil. Esta é outra das diferenças entre as duas línguas, uma diferença nem sempre devidamente apreciada.

Comparem o processo pelo qual discorre a língua falada com o mesmo processo na língua escrita. Quando falo, é como se jorrassem de mim múltiplas correntes de sentenças que se tinham aglomerado no meu íntimo pela conversação interior, e que são agora soltas pela interferência dos meus interlocutores. A minha fala é articulação de sentenças já formuladas durante o trabalho da conversação interna. Com efeito, ao falar escolho apenas entre sentenças prontas. Mas o articular das sentenças tem um efeito curioso. Expele as sentenças do meu íntimo e as torna assim objeto de consideração crítica por mim e pelos meus parceiros. Em última análise falo para poder criticar as minhas sentenças elaboradas no curso da conversação interior, e para poder permitir que outros as critiquem. Quando escrevo, no entanto, formulo sentenças. Estou dedicado a uma reorganização criativa dos elementos dos quais se compõe o meu intelecto. Reformulo-me e informo-me ao formular sentenças escritas. Com efeito, escrever é articulação do próprio processo da conversação interna. Se identificarmos "conversação interna" com "pensamento", escrever passa a ser articulação do processo do pensamento, enquanto que falar passa a ser articulação de pensamentos prontos. Escrever é portanto uma fase anterior ao falar, e é uma fase mais imediatamente ligada ao pensamento criativo. Mas é óbvio que posso pensar sem escrever, isto é posso pensar sem articular o processo do pensamento. A articulação escrita modifica o processo do pensamento. Freia o seu curso e impõe sobre ele uma estrutura mais rigorosa. Em última análise escrevo para controlar o processo do pensamento. Falo para criticar-me, e escrevo para contrariar-me. Esta é outra diferença entre as duas línguas.

No curso deste argumento tornou-se progressivamente mais claro que tanto a língua falada como a língua escrita são articulações de uma conversação interior, a saber de uma língua calada. No início do argumento o problema se apresentava como relação entre língua falada e escrita, e parecia que a língua escrita era articulação da língua falada. Agora o problema se apresenta como relação entre essas duas línguas de um lado, e a língua calada do outro. E descobrimos o fato curioso, que a língua escrita articula a língua calada de uma maneira mais imediata que a língua falada. Os tra-

fala. Com este acidente histórico fica a língua escrita desnecessariamente empobrecida e mutilada. Podemos imaginar perfeitamente uma escrita que não tenha ligação com a fala, e que articule a língua calada de uma maneira inteiramente independente da fala. Com efeito, os aeróglifos e os ideogramas são escritas que se aproximam muito dessa independência que teriam em mente. Num nível diferente são as articulações matemáticas e da lógica simbólica escritas que independem em alto grau da fala. Dadas essas considerações, podemos, creio, definir a diferença entre a fala e a escrita da seguinte forma: A fala articula a língua calada na dimensão temporal da música, a escrita articula a língua calada nas dimensões especiais da pintura. A música é o limite para o qual a língua falada tende, a pintura é o limite para o qual a língua escrita tende. Dado o empobrecimento, por acidente histórico, que sofreu a língua escrita no Ocidente, é a nossa música uma realização mais adequada ao nosso intelecto que a pintura.

De um ponto de vista quantitativo não resta dúvida que a língua escrita é mais importante que a língua falada. O nosso intelecto é informado em grau maior por sentenças lidas que por sentenças ouvidas. De um ponto de vista qualitativo a comparação não é tão simples. As duas formas de articulação da língua calada satisfazem anseios diferentes do nosso intelecto para realizar-se. Mas uma coisa me parece ser certa: O empobrecimento da língua escrita por sua subseqüência à língua falada diminui a nossa possibilidade de realização do intelecto. Em outras palavras: devemos apreender a escrever de novo. Devemos tornar consciente o fato que a escrita é uma articulação espacial da língua calada, e devemos, conscientemente, aproveitar todas as virtualidades que o espaço da fôlha branca concede à escrita. Se fizermos isto, teremos aberto, pela primeira vez em milhares de anos, o campo do espaço, (pe-lo menos o das duas dimensões do plano), para a realização do pensamento da nossa cultura. Teremos libertado esse pensamento da sua linearidade, consequência da predominância da língua falada. Teremos aberto as virtualidades de uma nova estrutura do discurso. Teremos superado a lógica aristotélica e o pensamento verbalizador e predicativo. As sentenças de duas dimensões que doravante seriam formuladas na fôlha branca, estabeleceriam uma nova realidade a servir de palco ao nosso pensamento.

Tendências em direção dessa reformulação da língua escrita podem ser observadas. A lógica moderna é uma. A poesia concreta é outra. A nossa cultura está recomendo a apreender a escrever, e os efeitos revolucionários A

de
lha:
os
rem
éles
nin
C
da
e a
Quil
dos
tes.
acc
pro
cor
que
irla
anc
com
me
de
hai
S
tal,
co,
vor
um
altí
jo
sati
ça
que
nev.
da
bras
abs
cos
nho.
me
joga
imar
sent
Cos
viv
ra
pin
ihe
de
vêc.
na
lênci
louç
fra
mor
d'â
luta
mov
dis
ala
dida
nive
cujos
te
nur
da
doso
H I
C
4
f
i
C
Ma
Cru
ses
le
A

falada é a sua fugacidade. Para superar este defeito, "inventou" o homem a escrita. Esta não passa de uma fixação da fala. A língua falada é primária, a existência de analfabetos o prova. A diferença entre língua falada e escrita é a diferença entre o "natural" e o "artificial", entre o primário e o secundário, e isto explica o problema.

Como geralmente acontece, a hipótese óbvia é insustentável. Hipóteses óbvias são hipóteses do senso comum, e o senso comum se revela, mais cedo ou mais tarde, como preconceito insensato. A nossa hipótese é falsa historicamente, e é falsa epistemologicamente. Os argumentos da história serão os primeiros a serem considerados. Nada prova ter sido a língua falada anterior à escrita. Os restos deixados pelos povos antepassados mais afastados incluem desenhos que podem ser interpretados como escritas. A língua falada primitiva não deixou traço, dada a sua "fugacidade". As escritas antigas não representavam sons e não eram portanto fixações da língua falada. Os alfabetos são fenômenos recentes, e não contam mais que 1000 anos. O Oriente dispõe de uma escrita independente da fala. A nossa hipótese está em desacordo com a evidência histórica e deve ser abandonada. Considerem agora os argumentos da epistemologia. A nossa hipótese diz que o homem é um ser que conhece algo, e articula esse algo "naturalmente" pela língua falada. E que a língua escrita é a fixação "artificial" desse conhecimento. Mas o que significam os termos "natural" e "artificial" no presente contexto? Em outros contextos o termo "natural" significa "não feito pelo homem", e "artificial" significa "feito pelo homem". Mas no presente contexto carecem de significado. O conhecimento não é nem natural, nem artificial, porque é adequação entre homem e natureza. A língua não é nem natural, nem artificial, porque ela e o campo de conhecimento. A língua falada não é mais natural que a escrita, mesmo se tomarmos por referência o corpo humano. Os movimentos da laringe ao articular sons não são menos artificiais que os movimentos da mão ao traçar linhas. O analfabeto não é um homem mais natural que o letrado, mas um ser truncado. Seria como dizer que o surdo é mais natural que o ouvinte. A nossa hipótese é insustentável.

Como pois explicar a diferença entre língua falada e língua escrita? Ensaiei diversas avenidas de acesso ao problema. Comparem primei-

to, como diz Platão, conversação interna. Quando falo, a minha conversação interna é constantemente interrompida e precocemente exteriorizada. Por isto penso melhor quando escrevo. Os que pensam melhor quando falam são pobres em conversação interna e necessitam de constante influxo.

Comparem sentenças da língua falada com sentenças da língua escrita. Na língua falada os elementos da sentença tendem a confundir-se. Dada esta tendência, é difícil para os linguistas dar um significado exato ao termo "palavras". Preferem falar em fonemas. Na língua escrita as palavras são separadas por espaços brancos. O silêncio tem portanto na língua escrita uma função diferente daquela que tem na língua falada. Na língua falada o silêncio invade o discurso para silenciá-lo. Na língua escrita o silêncio invade o discurso para estruturá-lo. O silêncio é o fundamento e a meta da língua. A língua falada tem relação diferente para com o silêncio que a língua escrita. Sentenças escritas, quando lidas em voz alta, demonstram essa diferença. E devido a esta relação diferente para com o silêncio que sabemos imediatamente se uma sentença está sendo falada ou lida em voz alta. A relação entre língua e silêncio é fundamental para a compreensão da língua. A fala se distingue fundamentalmente, neste sentido, da escrita.

Desenvolvamos um pouco o assunto. Quando falo, disponho de uma variedade de entonações, que são, com efeito, variações da relação entre silêncio e língua. Posso elevar ou baixar a voz, e posso modulá-la. Posso assim, recorrendo ao silêncio em grau maior ou menor, modificar o significado das minhas sentenças. Estas modificações terão um apelo concreto e existencial sobre o meu parceiro. Deste ponto de vista a escrita alfabética em uso no Ocidente infinitamente mais pobre. A notação musical no Ocidente, e o ideograma no Oriente, superam no entanto, cada qual a sua maneira, a riqueza da língua falada. Quando escrevo, disponho de aproximadamente trinta sinais e de uma folha branca. Esta aparente limitação é um desafio. Recorro ao silêncio da folha branca para dar estrutura aos sinais que nela desenho. As modificações do significado passam a ser funções da estrutura das sentenças no espaço da folha. Posso imprimir sobre as minhas sentenças uma variedade de significados, de acordo com a localização das palavras

das sentenças em um espaço curioso. Expele as sentenças do meu íntimo e as torna assim objeto de consideração crítica por mim e pelos meus parceiros. Em última análise falo para poder criticar as minhas sentenças elaboradas no curso da conversação interior, e para poder permitir que outros as critiquem. Quando escrevo, no entanto, formulo sentenças. Estou dedicado a uma reorganização criativa dos elementos dos quais se compõe o meu intelecto. Reformulo-me e informo-me ao formular sentenças escritas. Com efeito, escrever é articulação do próprio processo da conversação interna. Se identificarmos "conversação interna" com "pensamento", escrever passa a ser articulação do processo do pensamento, enquanto que falar passa a ser articulação de pensamentos prontos. Escrever é portanto uma fase anterior ao falar, e é uma fase mais imediatamente ligada ao pensamento criativo. Mas é óbvio que posso pensar sem escrever, isto é posso pensar sem articular o processo do pensamento. A articulação escrita modifica o processo do pensamento. Freia o seu curso e impõe sobre ele uma estrutura mais rigorosa. Em última análise escrevo para controlar o processo do pensamento. Falo para criticarme, e escrevo para contrariarme. Esta é outra diferença entre as duas línguas.

No curso deste argumento tornou-se progressivamente mais claro que tanto a língua falada como a língua escrita são articulações de uma conversação interior, a saber de uma língua calada. No início do argumento o problema se apresentava como relação entre língua falada e escrita, e parecia que a língua escrita era articulação da língua falada. Agora o problema se apresenta como relação entre essas duas línguas de um lado, e a língua calada do outro. E descobrimos o fato curioso, que a língua escrita articula a língua calada de uma maneira mais imediata que a língua falada. Os papéis das duas línguas parecem querer inverter-se. Não podemos negar, no entanto, que a maioria dos sinais da língua escrita representa realmente sons da língua falada. O que acontece é o seguinte: A língua calada pode articular-se de múltiplas maneiras. A língua falada e escrita são apenas duas dentre essas maneiras. A pintura, a música e a dança são outras. Todo sistema simbólico é articulação da língua calada. Mas na nossa cultura estabeleceu-se uma ligação secundária entre a fala e a escrita, e esta ligação subordina a escrita à

língua falada. A pintura e a música tendem a permanecer no âmbito da língua falada. Dado o empobrecimento, por acidente histórico, que sofreu a língua escrita no Ocidente, é a nossa música uma realização mais adequada ao nosso intelecto que a pintura.

De um ponto de vista quantitativo não resta dúvida que a língua escrita é mais importante que a língua falada. O nosso intelecto é informado em grau maior por sentenças lidas que por sentenças ouvidas. De um ponto de vista qualitativo a comparação não é tão simples. As duas formas de articulação da língua calada satisfazem anseios diferentes do nosso intelecto para realizar-se. Mas uma coisa me parece ser certa: O empobrecimento da língua escrita por sua subserviência à língua falada diminui a nossa possibilidade de realização do intelecto. Em outras palavras: devemos apreender a escrever de novo. Devemos tornar consciente o fato que a escrita é uma articulação espacial da língua calada, e devemos conscientemente, aproveitar todas as virtualidades que o espaço da folha branca concede à escrita. Se fizermos isto, teremos aberto, pela primeira vez em milhares de anos, o campo do espaço, (pele menos o das duas dimensões do plano), para a realização do pensamento da nossa cultura. Teremos libertado esse pensamento da sua linearidade, consequência da predominância da língua falada. Teremos aberto as virtualidades de uma nova estrutura do discurso. Teremos superado a lógica aristotélica e o pensamento verbalizador e predicativo. As sentenças de duas dimensões que doravante seriam formuladas na folha branca, estabeleceriam uma nova realidade a servir de palco ao nosso pensamento.

Tendências em direção dessa reformulação da língua escrita podem ser observadas. A lógica moderna é uma. A poesia concreta é outra. A nossa cultura está recomeçando a apreender a escrever, e os efeitos revolucionários desse acontecimento ainda não podem ser previstos. Os seus primeiros feitos são, obviamente, negativos. A forma tradicional da nossa escrita entrou em crise. A decadência da literatura no significado tradicional desse termo é sintoma disto. Mas isto não deve desanimar-nos. Estamos no limiar de uma nova fase daquele processo de conversação interna e externa chamada "Ocidente". A sensação de irre realidade que pervade o nosso ambiente é apenas sintoma do salto para uma nova realidade que estamos dando. E este salto se articulará por uma nova escrita.